

GESTÃO DA QUALIDADE DE VIDA NA VIVÊNCIA RELIGIOSA CONSAGRADA

Eliud Nogueira dos Passos¹

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de apresentar um estudo reflexivo sobre a Gestão da qualidade de Vida na Vida Religiosa Consagrada, destacando dois aspectos referenciais: Espiritualidade e Vida Fraterna. A vida em comunidade exige mais que qualquer outra vida cotidiana, principalmente em virtude de que há alguns requisitos imprescindíveis, tendo como referenciais a oração, a fraternidade, a espiritualidade sendo embasada nos ensinamentos de Jesus Cristo. A referida pesquisa será pautada em análise textuais, documentais, teóricos que abordam essa temática, bem como, serão feitas breves abordagens baseadas no cotidiano das Filhas do Amor Divino objeto de estudo desta pesquisa, criada em 1868 por Madre Francisca Lechner, em Viena na Áustria, com a missão de fazer “Tudo por Deus e pelos pobres”. Pretende-se realizar encontros com as diversas comunidades da referida Congregação com o propósito de refletir, analisar, apontar os pontos nevrálgicos e tentar buscar as possíveis soluções.

Palavras-chave: Espiritualidade. Vida Fraterna. Igreja. Qualidade de vida.

¹ Religiosa da Congregação das Filhas do Amor Divino, Vice –Diretora do Centro Educacional Cristo Redentor localizado em Palmeira dos Índios-Al e membro da equipe de Espiritualidade da Província.

INTRODUÇÃO

Este artigo pretende apresentar um estudo reflexivo sobre a Gestão da qualidade de Vida na Vida Religiosa Consagrada, destacando dois aspectos referenciais: Espiritualidade e Vida Fraterna.

A princípio faz-se necessário uma breve abordagem do que é Gestão e qualidade de vida em seus diferentes aspectos, contextualizando especificamente a Vida Fraterna e Espiritualidade. Para iniciar, cita-se em primeiro lugar que o termo Qualidade de vida foi o conceito criado pelo economista J.K. Galbraith em 1958, que vincula uma visão diferente das prioridades e efeitos dos objetivos econômicos de tipo quantitativo.

De acordo com este conceito, as metas político-econômicas sociais não deveriam ser perspectivadas tanto em termos de crescimento econômico quantitativo e de crescimento material do nível de vida, mas sim de melhoria em termos qualitativos das condições de vida dos homens. Isso só seria possível através de um melhor desenvolvimento de infraestrutura social, ligado à supressão das disparidades, tanto regionais como sociais, à defesa e conservação do meio ambiente dentre outras.

1 QUALIDADE OU PADRÃO DE VIDA?

Ainda sobre a temática defendida pelo autor citado, para garantir uma boa qualidade de vida, deve-se ter hábitos saudáveis, cuidar bem do corpo, ter uma alimentação equilibrada, relacionamentos saudáveis, ter tempo para lazer e vários outros hábitos que façam o indivíduo se sentir bem, que tragam boas consequências como usar o humor para lidar com situações de stress, definir objetivos de vida e fazer com que a pessoa sinta que tem controle sobre sua própria vida.

Qualidade de vida é diferente de padrão de vida, e muitas pessoas confundem os termos. Padrão de vida é uma medida que quantifica a

qualidade e quantidade de bens e serviços disponíveis. Para fundamentar cite-se:

Geralmente, saúde e qualidade de vida são dois temas muito relacionados, uma vez que a saúde contribui para melhorar a qualidade de vida dos indivíduos e esta é fundamental para que um indivíduo ou comunidade tenha saúde. Mas, não significa apenas saúde física e mental, mas sim que essas pessoas estejam bem consigo mesmas, com a vida, com as pessoas que os cercam, enfim, ter qualidade de vida é estar em equilíbrio. (GALBRAITH J.K.,1958)

De acordo com a citação acima, para garantir qualidade de vida, é imprescindível o viver em harmonia interior, para se construir no ambiente coletivo uma atmosfera sadia, de partilha afetiva, efetiva e espiritual. Esse é também um pré-requisito essencial à vida fraterna. O equilíbrio dá qualidade à convivência e atrai confiança. O que favorece o diálogo e a escuta.

Francisca Lechner, fundadora da Congregação das Filhas do Amor Divino, zelando pela fraternidade escreveu numa de suas cartas circulares datada do ano 1887 exortando:

Se nos amarmos mutuamente, Deus permanece em nós e seu amor em nós é perfeito. Dizem-nos em outra forma que não há salvação, se não temos verdadeiro amor mútuo. Por isso, queridas irmãs, façam o bem umas às outras, o quanto puderem, causem recíproca alegria, apóiem-se mutuamente. Cada uma trate a outra como ela mesma deseja ser tratada. Então Deus terá agrado em permanecer no meio de vocês, reconhecendo-as como suas discípulas.

A Madre Fundadora assim advertia, por saber o quanto a vida fraterna necessita de bons momentos e de compreensão mútua para o crescimento e fortalecimento de seus membros, pois a falta de uma boa comunicação gera o enfraquecimento do grupo, e conseqüentemente leva ao isolamento, pois a qualidade da vida fraterna tem grande relevância na perseverança da religiosa. Em seu programa de vida a fundadora recomendava uma vigilância constante nas atitudes desde o amanhecer ao anoitecer a exemplo:

“Nenhuma manhã sem oração fervorosa e nem uma noite sem exame de consciência.”

Todas as comunidades em revisão à vida fraterna devem se questionar sempre: Que qualidade tem os nossos recreios e as nossas meditações? Que qualidade tem nossos momentos de oração? Partilhamos a vida ou nos sentimos solitárias? Será que priorizando a vivência plena dessas dimensões, não teríamos mais compreensão e fraternidade em nosso convívio? São perguntas que exigem respostas após uma análise das nossas ações. Difícil talvez, seja admitir o erro através da resposta, posto que tal realidade exige a mudança na qualidade de vida da qual se está questionando. É interessante, que as perguntas não estão direcionadas aos bens materiais, ou seja, quantas blusas novas, quantos sapatos, como estão às vestes, a bolsa, ou mala de viagem.

As perguntas estão restritas aos momentos da vida em comunidade, enfatizando a oração, os momentos juntas. Quer seja rezando, fazendo reflexão, ou mesmo na hora do recreio, leia-se momento que ainda existe nos conventos das Filhas do Amor Divino, desde o tempo de Madre Francisca. Essa que se utilizava de seus dons a exemplo a contação de histórias para suas irmãs da comunidade, e assim, a mesma aproveitava para através das histórias dar bons exemplo de vida fraterna, de humildade e muitas vezes utilizava-se de seus próprios exemplos. Para tanto cita-se:

Madre Francisca não permitia sobrecarga às Irmãs e desejava que encontrassem sempre o tempo necessário para o repouso e a recreação. Também não permitia que se desse preferência ao trabalho em detrimento dos exercícios de oração prescrito, pois via nestes, com razão, o alimento espiritual. Dava valor especial à meditação porque, segundo seu entender, quem sabe meditar bem, também sabe viver bem. (HENDGES, 2008, p. 204).

Ainda a esse respeito pode citar algumas máximas de Madre Francisca quando dizia;” que uma Filha do Amor Divino não pode agradar nenhum instante ao demônio”.Mas, seu coração precisa ser transformado [...] para que

Jesus goste de vir e permanecer conosco com sua graça e seu amor[...] (2008, p.252). Diante de tais afirmações vê-se que a vida em comunidade carece de discernimento, maturidade, amor próprio e ao outro, da caridade e da humildade sem esquecer como já foi dito anteriormente da obediência, que talvez seja o desafio do século.

Quando não se consegue viver esta experiência na vida fraterna, a tendência é buscar fora da comunidade recompensas, como: usar com muita frequência as redes sociais para suprir a lacuna das relações fraternas ou ainda assumir posições de destaque entre os leigos para se sentir valorizada na sociedade e outras formas de fuga.

2 O PAPEL DA IGREJA NA VIDA EM COMUNIDADE

Durante várias décadas a Igreja manteve-se afastada e fechada a determinados assuntos dando margem para uma certa omissão, em virtude do medo, do respeito e do pecado. Na verdade o silêncio e a distância com o povo, não trazia tantas preocupações acerca da vida religiosa em comunidade, visto que, as congregações eram respeitadas, mas, pouco se tinha contato e muitas vezes o respeito era traduzido em medo dos castigos de Deus.

Após o Concílio Vaticano II, vê-se claramente que a maior preocupação da Igreja foi ir além muros, quebrar barreiras, rever os dogmas e tornar a Igreja do povo. É público e notório que viver no século XXI, exige de todos um conhecimento do EU e da sociedade. Diante de tal afirmação fica mais claro, que a exigência maior é para quem faz parte de uma opção de vida a exemplo da vida em comum.

Notadamente observa-se que sempre encontramos nas comunidades religiosas de um modo geral, o perfil traçado pelos leigos nunca pelas próprias religiosas. É imprescindível, que a religiosa reflita sobre a sua identidade. Identidade essa, que carrega todas as suas características e adjetivos relativos

ao eu. Mas, tudo gira em torno do que é a vida religiosa em comunidade, ou seja, de fundamental importância a vocação e a opção de vida.

Ora, fica subentendido que as duas coisas precisam caminhar paralelamente ou formando um amálgama, mas, há as dicotomias que são peculiares ao humano, inteligente, limitado e capaz de tomar decisões. Diante disso, vê-se que, nem sempre a vocação prevalece pois, encontramos religiosas insatisfeitas ou mesmo melancólicas em seu dia a dia. E o que contribuiu para tal comportamento?

O Concílio Vaticano II tem exercido o papel de uma bússola para a vida religiosa em comunidade. Na sua Constituição deixa claro que a base de tudo é viver a prática do evangelho. Pois os evangelhos são fiéis no relato da vida do Mestre. A disciplina, a obediência, a castidade, a oração e a caridade ao próximo são referenciais nesse contexto. Na verdade, tudo gira em torno de que, sem ela, nada ou quase nada é possível na vida em comunidade. É bom, lembrar que o termo já citado, é reflexo de muitos outros fatores indispensáveis para o aprimoramento humano. Para tanto cita-se:

Existiam desde os primórdios da Igreja homens e mulheres que se propuseram pela prática dos conselhos evangélicos seguir a Cristo com maior liberdade e “imitá-lo” o mais perto e levaram, cada qual a seu modo de vida consagrada a Deus. (COMPÊNDIO VATICANO II, 1969).

Em outras palavras, isso significa que não há uma regra única para diversos grupos que vivem em comunidade consagrada. Porém, há uma especificidade, pois cada uma, mesmo apresentando diferenças, há algo em comum: o respeito a outra; que pode traduzir-se em humildade e essa consiste em sabedoria e discernimento para aceitar a missão a que se propõe, bem como, perceber que as normas, elas são necessárias em qualquer lugar e devem ser cumpridas.

É a partir desse ponto que se pode fazer uma análise. É evidente que todo homem ou mulher que se propõe a esse estilo de vida, subentende-se que

seja através de um processo de maturidade e comunicação dos seus ideais, filosofia de vida, perspectiva e sua predisposição a viver como uma célula social. Caso isso não aconteça, essa célula social entra em metástase de falso TER e PODER.

Esses dois agravantes afetam de forma irreversível a vida em comunidade consagrada. Alguém pode retrucar e dizer “mas o ter e o poder é o grande mal do mundo...”. Sim, mesmo tendo essa certeza que é o grande mal do mundo, não podemos aceitar que deve ser também na vida em comunidade.

Deve-se lembrar que outra prioridade são as relações interpessoais, indispensáveis no mundo moderno. A cada instante as empresas renomadas proporcionam cursos, seminários e oficinas para o que eles chamam de treinamento de Recursos Humanos (RH), no intuito de um entender o outro. Constata-se que dessa forma, os funcionários convivem melhor, produzem mais e geram maior lucro. Como já foi citado, é esse o objetivo do mercado capitalista.

Mas a pauta é a vida em comunidade consagrada e qual é o processo no mundo moderno? Não é difícil entender como acontece, e/ou como deve acontecer ao invés do RH, a vida deve ser regada de fé, reflexão e muita oração. Para legitimar tal afirmação cita-se:

Os institutos promovam em seus membros informação adequada a respeito das condições dos homens e da época, bem como a respeito das necessidades da Igreja, de forma que possam julgar, com sabedoria e à luz da fé, as circunstâncias do mundo de nosso tempo e, cheios de zelo apostólico, possam ajudar mais eficazmente os homens. (COMPÊNDIO VATICANO II, 1969, p. 1223).

Deve-se entender esse processo, pois de certa forma tem-se a religiosa como uma pessoa humana, um ser social, mas isso não significa que tenha que seguir ou repetir os mesmos erros cometidos na modernidade, pois nenhuma delas é empresária, latifundiária ou mesmo assume alguma função

política administrativa no país ou na sua região. É, pois, de fato uma função de suma importância ser religiosa. E essa, exige uma postura diferenciada das chamadas leigas que fazem parte da sociedade elitista.

A Igreja apela a cada dia, para que cumpram sua missão primordial "SERVIR". A propósito, a Congregação das Filhas do Amor Divino, pode ser objeto de estudo dessa temática, em virtude de estar presente em 21 países e em três continentes que são: Europa, berço da civilização e da referida Congregação, edificada em Viena na Áustria por Madre Francisca Lechner em 1868, a seguir no continente Americano e o Africano.

Como já foi evidenciado não é nada fácil administrar tal situação. As pessoas são diferentes e conseqüentemente as casas ou comunidades apresentam os reflexos e as singularidades das regiões onde estão inseridas. A princípio o primeiro embate é o econômico e sobre esse nos diz:

Embora os institutos, respeitadas as regras e constituições tenham o direito de possuírem todo o necessário para a vida temporal e para as obras, evitem no entanto toda manifestação de luxo, de lucro imoderado e de acúmulo de bens. (COMPÊNDIO DO VATICANO II, 1969, p.1223).

Com isso não significa que as religiosas têm que sair esmolando, como na época da Madre Francisca (fundadora). A discussão em pauta refere-se a adaptação a uma vida que lhe dê os bens materiais que são necessários para viver bem com modéstia.

"A riqueza na vida religiosa deve consistir em espiritualidade e amor a Deus." A vida em comum, a exemplo da Igreja primitiva em que a multidão era um só coração e uma, só alma" (cf. At 4,32) ainda pode-se continuar citando" a caridade porém é a plenitude da lei. (cf. Rom 13,10).

É nesse ponto de convergência que se faz necessário um comentário ou mesmo uma reflexão (vida comum e caridade). De repente o ponto de referência pode ser ao mesmo tempo o ponto nevrálgico da vida em comunidade religiosa. "Irmãs" se assim são chamadas, deve-se ao vínculo não

de consangüinidade, e sim ao fraternal e espiritual, onde apenas as especificidades de personalidade, intelectualidade e comportamento devem ser próprios, mas os demais devem ser coletivos.

3 SINGULARIDADE NO MUNDO PLURAL

Ao observarmos o mundo pós-moderno, constata-se que ele é plural, com forte tempero da ganância lucrativa no qual os valores humanos como fraternidade, espiritualidade e fé escorrem por entre os dedos, visualizando o que Zygmunt Bauman (2005) chama de “modernidade líquida”. Nesse panorama a comunidade religiosa deve enfrentar este desafio buscando harmonia interior que se desdobra no fortalecimento da proposta ética do “amar ao próximo como a si mesmo”. O que se espera da vida em comunidade é que haja de fato um rebuscar das atitudes, da convivência e uma autorreflexão. Tornar a oração e a fé sua bússola e seu combustível respectivamente, como principais. Compreender o Cristo como cabeça da Igreja (1 Cor 12. 12-31) e, a exemplo dessa estrutura, toda instituição religiosa carece da figura de um líder que deve garantir coerência e harmonia, tal qual uma orquestra.

A partir da polifonia dos instrumentos musicais, atrevo-me a utilizar metáforas para comparar cada membro de uma comunidade com um instrumento musical que sozinho não passa de um mero instrumento. Com seu dono é capaz de soar algumas notas melódicas, mas nunca capaz de transforma-se em uma orquestra e fazer um grande show. Mas se optarem em unir-se a outros diferentes, que toquem em harmonia, formará uma orquestra. Para se entender o todo, é necessário que se conheça as partes: segundo o dicionário Aurélio, orquestra é um conjunto de vários instrumentos que executam uma obra musical. Com o enriquecimento das formas musicais, foi possível dividir os instrumentos em famílias: cordas, sopros e percussão. As primeiras orquestras eram pequenas e não necessitava de um condutor, e sim de um líder que marcasse o ritmo. Esse líder marcava o ritmo. As orquestras cresceram e a partir daí surgiu a necessidade de um regente ou maestro. Esse,

marca o ritmo e as entradas dos instrumentos. O maestro é fundamental para extrair a sonoridade de uma orquestra. Dele depende a harmonia do conjunto. Ele tem a sensibilidade necessária para ouvir a todos.

O trabalho do maestro começa com o estudo da partitura musical para saber exatamente como ela deverá ser executada. Ele explica aos músicos como deve ser tocada e para trabalhar as passagens mais difíceis; com a mão direita segura a batuta para marcar o ritmo e com a esquerda exprime suas idéias e desejos no que diz respeito à interpretação e a expressividade pedindo que a orquestra toque mais forte ou mais alto ou prolongue o som... Essa marcação é indispensável porque numa execução os instrumentos não tocam todos ao mesmo tempo. Além do amplo conhecimento musical, é importante que o regente conheça as possibilidades de cada um dos instrumentos que compõem a orquestra. Deve possuir um ouvido sensível e educado que lhe permita distinguir no meio da mistura de sons qualquer desafinação ou atraso na entrada.

Segundo Alessandra Vitta postado no Pentagrama (2012), o objetivo do maestro é fazer com que a orquestra toque, não como um amontoado de músicos bons e talentosos, mas como um grande e único instrumento. Sob a direção de um regente, a orquestra cumpre sua missão de interpretar a boa música.

Ante o exposto, comparamos a harmonia necessária em uma orquestra ao bom relacionamento que deve existir no ambiente bem como, a união dos sons de diferentes instrumentos, ao entendimento entre as irmãs sob a regência da maestrina (a superiora) líder responsável pelo bom desenvolvimento e progressão do todo. Ela, que dotada de muita sensibilidade, também como o maestro, deve saber ouvir cada instrumento e ser solícita em auxiliar o que desafina. É de fato um momento de repensar, a caminhada cotidiana em todos os sentidos. Em algumas comunidades, há uma verdadeira súplica pela fraternidade. A esse respeito o Papa nos diz:

Os problemas existem e existirão, mas como se faz família, com amor, procurai uma solução com caridade; não destruais esta para resolver aquela; que não haja competição. Cuidai da comunidade, pois, quando a vida de comunidade é assim, em família, é precisamente o Espírito Santo que se encontra no seio da comunidade.[...] Sempre com um coração grande. Deixai passar, não vos vanglorieis, suportai tudo e sorri com o coração. E o sinal disto é a alegria. (FRANCISCO *apud* Congregação para Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostolada, 2013, p. 35).

Diante da citação do Papa, vê-se claramente que há de fato um reconhecimento de modo geral à existência do problema, porém, a recomendação quanto ao mesmo, é que precisa ser superado e a solução é através da caridade. Madre Francisca, fundadora da Congregação, em seu programa de vida consta: “Fazer o bem, alegrar, tornar feliz e conduzir ao céu.” Dessa forma vê-se que desde 1868, quando fundou a Congregação ela já vislumbrava essas situações, mas implicitamente mostrava a solução, que se resumia em fazer o bem.

Ainda sobre a Madre Francisca, ela deixava claro que suas irmãs deveriam ser alegres, pois acreditava que não era a melancolia, a ociosidade e a tristeza que seriam combustíveis para dar continuidade a vida fraterna. É salutar ainda citar o Papa Francisco;

Uma fraternidade sem alegria é uma fraternidade que se apaga [...] Uma fraternidade rica de alegria é um verdadeiro dom do Alto aos irmãos que sabem pedi-lo e que aceitar-se empenhando-se na vida fraterna com confiança na ação do Espírito. (FRANCISCO *apud* Congregação para Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostolada, 2013, p.35).

Assim, fica mais claro que uma coisa depende da outra, visto que, como pode uma religiosa ser feliz se não está satisfeita na comunidade?

4 DESAFIOS DO SÉCULO XXI

Diante de todas as explicações acerca da orquestra se faz necessário uma breve comparação, com a vida das religiosas. Ficou explícito que as orquestras eram pequenas e com o passar dos tempos elas foram crescendo sendo necessário alguém que as regesse, assim também nas comunidades. Vê-se que há uma hierarquia: a Madre Geral, da Congregação em pauta, vive em Grottaferrata em Roma, com o conselho geral, formado por irmãs representantes de outros países que a auxiliam nas decisões de toda a congregação. Em cada país existem as provinciais, no Brasil são duas em virtude de existirem duas províncias (na região Nordeste e no Sul). As províncias tem as comunidades. Em cada comunidade existe uma superiora. Quando há escola na comunidade, ainda há uma diretora administrativa, a tesoureira e outros cargos e funções específicos das religiosas. Para tanto, cada uma delas é de suma importância, no contexto abordado, mas em momento algum, nenhuma deve se prevalecer da sua função ou cargo para não cumprir as normas que são estabelecidas na comunidade.

É interessante que todas elas que assumem essas funções, devem ter o mesmo espírito de comunidade das demais, mesmo que tenha nível de escolaridade maior. Isso na vida em comunidade não é requisito para “ser ou ter mais”. Sabe-se que em todo lugar ou instituição religiosa deve haver organização. É claro que no mundo econômico acontece diferente. As hierarquias, são sinônimos de poder e dinheiro, é o que comumente ouve-se ao citar Marx, na divisão das classes sociais.

Mas, é bom deixar evidente que na vida comum isso não pode acontecer, cada qual deve ser um instrumento, como a orquestra, alguns simples, outros lindos e caros, mas o maestro tem consciência que todos tem um grande valor, pois sem eles não será uma orquestra será apenas uma apresentação individual, fato que é antagônico à vida comum, mesmo em pleno século XXI.

O desafio a cada dia torna-se maior. Há alguns anos não existiam as redes sociais, os telefones móveis, comumente chamados de celulares. As TVs eram preto e branco e era muito difícil acesso a internet, enfim, tudo isso foi

ocupando o lugar do diálogo, do olhar, do sorriso, da solidariedade, do ouvir o outro, dos cartões de aniversários, substituídos pelos virtuais e sem que percebessem foram distanciando as pessoas umas das outras até mesmo nos conventos.

Constantemente ouvimos os apelos do Papa Francisco para uma nova evangelização. Ora, se o apelo é para o mundo profano, imagine para os que vivem em vida de comunidade? Em um dos seus discursos ele enfatiza essa situação, pois para ele, “a caridade principal é anunciar e fazer a verdade do amor” (*Veritas in Caritate*, 2009).

Segundo o cardeal Tagle das Filipinas apud Boff:

A igreja precisa aprender Jesus na humildade [...] A igreja é chamada para seguir o respeito que Jesus teve por toda pessoa humana [...] A igreja precisa descobrir o poder do silêncio. Confrontada com as dores, dúvidas e incertezas do povo, ela não pode pretender dar soluções fáceis. Em Jesus o silêncio torna-se o meio da escuta atenciosa, da compaixão e da oração. É o caminho para a verdade [...] O mundo se regozija com um simples testemunho de Jesus, manso e humilde de coração.

Percebe-se que é uma preocupação e um apelo. Mas quem deve ser os multiplicadores desse apelo? Pode ser qualquer pessoa. No entanto, a sociedade cobra isso especificamente das religiosas e dos religiosos. Mas, para tanto, essas devem começar a partir da sua própria vivência, visto que não se pode dar aquilo que não se tem, bem como não se deve exigir dos outros, aquilo que não fazemos.

Diante do exposto, é o momento para que as comunidades religiosas de um modo geral comecem a refletir a função das mesmas no século XXI, a partir da sua vida em comunidade, o seu papel na sociedade e do seu exemplo.

É bom lembrar que não se exige que as religiosas fiquem isoladas do mundo contemporâneo. Ao contrário, elas podem ser referências, capazes de cultivar bons solos e semear boas sementes, se forem capazes de conviverem

bem com suas irmãs em Cristo, com os outros e consigo mesmas, conscientes de que segundo (João 14, 27b) “A paz que Eu vos dou não é a paz que o mundo dá”, isso nos diz que para alcançar a paz interior não deve-se buscar lá fora, se consegue através da oração, reflexão, um olhar aprofundado dentro de cada uma de nós mesmas, responsáveis pelas oportunidades de crescimento espiritual.

Nesse contexto a religiosa ou religioso não pode ficar confiante que apenas vestir-se de forma diferenciada, e viver em um convento, já são pré-requisitos necessários para ser um instrumento de Deus. A exigência é maior do que para qualquer leigo, isso é fato, visto que fica subentendido que na comunidade há mais oração, mais silêncio para favorecer o conhecimento pessoal e a aproximação com Deus, bem como um aprofundamento maior do Evangelho através das meditações individuais e comunitárias.

A vida religiosa está alicerçada nos ensinamentos de Jesus Cristo. Ele é ponto de referência e de partida, é salutar segui-lo, mas para que isso aconteça é necessário conhecê-lo. Essa tarefa é de grande importância, pois Ele como um grande Mestre também viveu em comunidade. Não se pode ignorar que o Mesmo tinha um grupo, o qual conhece-se como os apóstolos. Na verdade, homens escolhidos por Jesus, para segui-lo, todos com índole, personalidade e atitudes diferentes. Mas, em momento algum, Ele os abandonou, ao contrário mostrou que tudo seria possível através da fé. Assim também, quem optou viver na vida religiosa, deve ter a fé como sustentáculo, para não correr o risco de desmoronar literalmente, deixar de acreditar. Deve-se agir com cautela, estar sempre disponível às suas irmãs de comunidade, pronta para ouvir, pronta para silenciar ou falar com a voz do coração. Segundo Papa Francisco (2013) “Somente graças a este encontro -ou reencontro - com o amor de Deus, que se converte em amizade feliz, é que somos resgatados da nossa consciência isolada e autorreferencialidade”.

Dessa feita, se percebe que também é uma preocupação do Papa, a vida religiosa consagrada com qualidade, onde a base da continuidade é necessariamente a fraternidade.

Quando fala-se tudo isso, parece impossível ao humano, mas, nada é impossível para aquele que crê. É notório a fragilidade humana, mas a busca do fortalecimento é antes de qualquer coisa um ato de humildade e assim pode dizer que fecha-se um ciclo, ou seja, volta-se ao ponto inicial que tudo depende do eu querer, tentar, buscar, aceitar e deixar-se moldar. Ser transparente de espírito, inteligente, porém humilde, assim atingirá um nível de sabedoria.

5 DESAFIOS DO COTIDIANO

Para ingressar na vida religiosa, tem-se uma preparação quer seja nos conventos ou seminários. Mas especificamente nos conventos, a princípio as jovens participam de vários encontros, algumas ainda adolescentes, como forma de preparação para a nova vida. Mas isso não é suficiente, pois trata-se de uma escolha pessoal e intransponível, é ela que vai vivenciar gerenciar e administrar seu cotidiano. Quando a base não é formada e alicerçada na espiritualidade, acontece a saída de algumas da vida religiosa ou continuam no convento com fisionomias que denunciam sua incerteza. Para que isso não aconteça com frequência, sugere-se que haja mais preparação ou seja, de forma ampla e aprofundada principalmente nos aspectos que são tidos como pontos nevrálgicos da vida em comunidade.

O objetivo é que todas essas jovens atinjam seu processo de realização e vivam felizes, pois assim poderão semear alegria, paz de espírito para alcançar a plenitude. Ainda sugere-se que dentro desse progresso dê prioridade a formação continuada não apenas para discutir textos bíblicos ou mesmo da Madre nos aspectos religiosos, mas, abordar e contextualizar o verdadeiro sentido da escolha, bem como, o cotidiano no mundo contemporâneo. Isso pode ser imprescindível, visto que, é inconcebível que

elas (religiosas) fiquem alheias aos fatos da sociedade em que estão inseridas e é a partir deles que podem ser transformados como objeto de estudo. Mas, alguém pode questionar para quê? Elas moram em conventos e só precisam rezar. Não. Essa afirmação é falsa. Elas estão no convento mas mantém contato diário com o mundo que oferece ambição, luxúria, democracia, tirania, poder, politicagem dentre outros. Para saberem conviver e manter sua identidade, missão e projeto de vida, ainda deve ser exigido outras leituras, reportagens, cursos em várias áreas como; relações interpessoais, espiritualidade, o mundo globalizado dentre outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constata-se que a vida consagrada exige uma série de requisitos que se diferenciam da vida cotidiana dos leigos. Porém, vê-se que as exigências que atendem a essa especificidade é que traçam o perfil, ou melhor, a identidade de uma religiosa ou religioso. Assim, o mundo contemporâneo apresenta-se com um perfil diferenciado, capitalista.

Gestar um jeito amoroso e fraterno de viver é perceber na diversidade dos dons que se esconde em cada irmã a extensão do Cristo que propicia a qualidade de vida. Requer fomentar um pluralismo de ideias que permita evidenciar multidimensionalidade de ações e vivência ética.

Conclui-se portanto que após todas as leituras e reflexões que incidem sobre a gestão da qualidade de vida na vida Religiosa Consagrada tem a finalidade de buscar novas alternativas. É de suma importância assumir o compromisso de multiplicar essa temática com o propósito de intensificar as discussões, reflexões e debates, bem como, encontros nas comunidades religiosas especificamente das Filhas do amor Divino objeto de estudo desta pesquisa. Torna-se indispensável a continuidade deste trabalho, ora inacabado,

pois precisa-se investigar junto a comunidade religiosa, o que deve ser feito para a construção de um ambiente mais fraterno para gerar uma qualidade de vida melhor entre nós.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2015.

CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA. **Carta Circular aos Consagrados e à Consagradas do Magistério do Papa Francisco**. Tradução: Jaime A. Clasen. 1ª ed. 2014.

HENDGES, Nicolina; HETZEL, Maria Therezia. **Madre Francisca Lechner**: mulher fundadora. Santa Maria: Gráfica Ed. Pallotti, 2008.

BOFF, Bernadete. **Palavras do Papa Francisco no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 2013.

VIER, Frederico, OFM (Org.). **Compêndio do Vaticano II**: Constituições - Decretos – Declarações. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1969.

O objetivo do Maestro numa orquestra. Disponível em :[Http p://o - pentagrama.blogstop.com.br/2012/pergunta](http://o-pentagrama.blogstop.com.br/2012/pergunta). Acesso em 23 de abril de 2014.